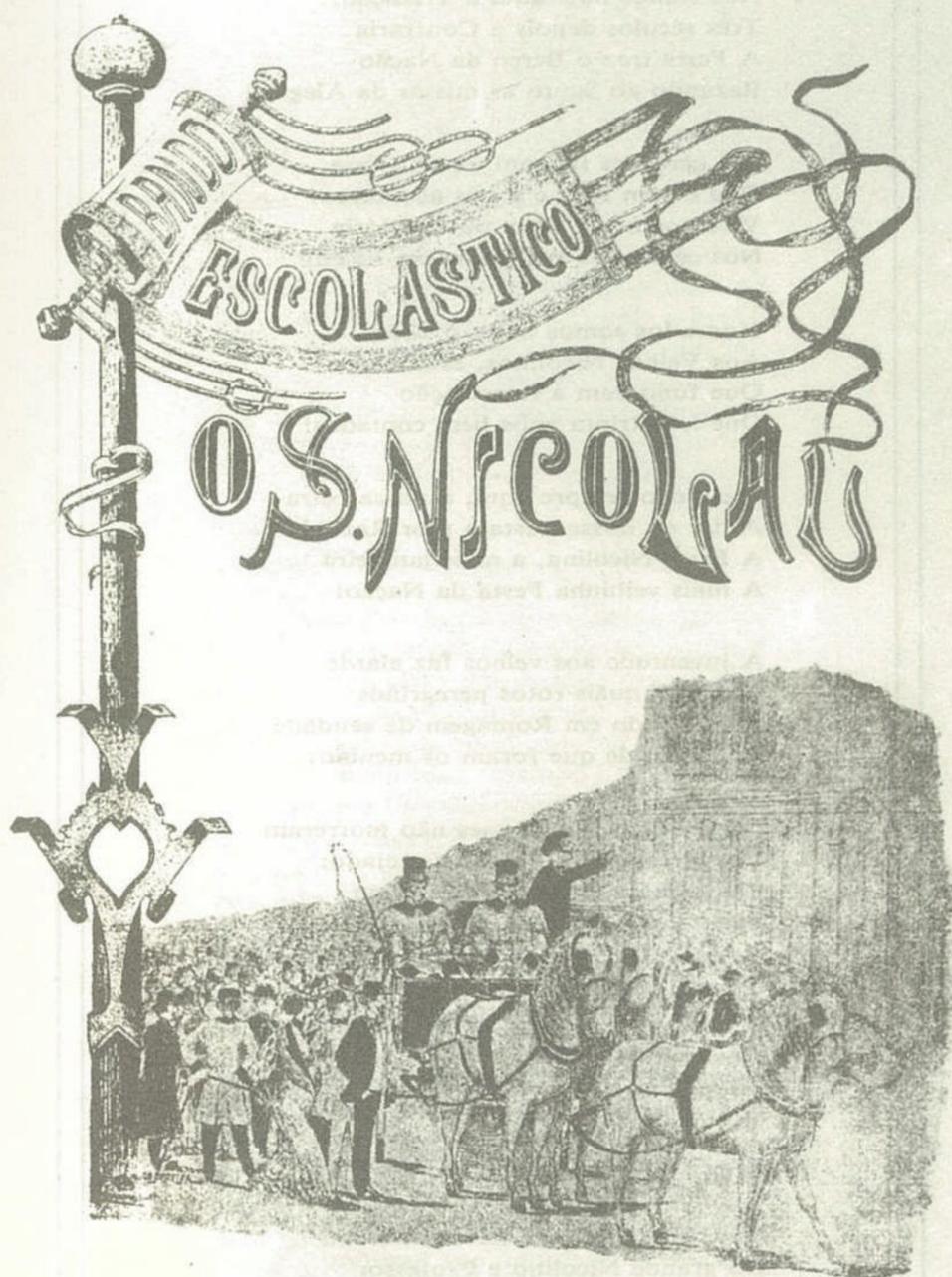


1691 300 ANOS 1991



PREGÃO DE S. NICOLAU

RECITADO NAS RUAS E PRAÇAS
DA CIDADE BERÇO
PELO NICOLINO

Luís Miguel Salgado Fernandes

dedicado pelo Autor a quantos
URBI ET ORBI
vivem os ideais de
PAZ E CONCORDIA
que inspiram há trezentos anos
A FESTA NICOLINA
tão querida dos vimaranenses

Povo de Guimarães! Ó meu povinho!
És chamado de novo ao meu Pregão!
São ordens lá do Céu, do meu Santinho
São Nicolau da nossa devoção!
Muito respeito. O bico caladinho!
Requer o que for dito atenção
Que nem S. Bento em fado choradinho
Legisla assim após a votação...

Nós somos hoje aqui a Tradição:
Três séculos depois a Confraria
A Festa traz o Berço da Nação
Rezando ao Santo as missas da Alegria!

Mil gerações fizeram esta história
Que é bem feliz e a nós aconteceu:
Vivemos nesta Festa outra Glória
Nos cem anos que faz nosso Liceu!

Honrados somos nesta ovação
Aos Velhos Nicolinos, estouvados
Que fundaram a Associação
Que leva trinta anos bem contados!

E o Povo sempre aqui, à nossa beira
A dar da nossa Festa a mor Razão!
A Festa Nicolina, a mais lampeira
A mais velhinha Festa da Nação!

A juventude aos velhos faz alarde
Todos aí quais rotos peregrinos
Ao Passado em Romagem de saudade
Ao Liceu de que foram os meninos...

Os nossos mortos, esses não morreram
Vivem connosco o fasto festejado:
Por milagre do Santo cá vieram
Estão aqui, estão ao nosso lado!

Sampaio e Bráulios! Como dantes
A Festa vive em nossos corações:
Nós somos os fantasmas, os passantes
Sempre a viver as mesmas ilusões!

São Nicolau, deves estar lembrado
Do grande Nicolino e Professor
Que foi o nosso bom Moura Machado:
Reserva-lhe um lugar no teu Amor...

Pelo Liceu traçou seguras linhas
E deixa-nos ficar esta ilusão:
Anda por'i perto da Sor'Aninhas
A desenhar os anjos a carvão!

Torna a Saudade eterna a nossa Festa:
Um misto de ternura e alegria
É o rasto afinal que dela resta
Qual cometa no céu que se alumia!

Perdoai-nos tão longa evocação
Quando esperáveis coisas de mais chiste:
As dicas do costume aí virão
Se bebendo me quede menos triste!

Ora pegaide aí, pr'a começar
Povo da minha amada Guimarães
Uma derrama bruta de arrazar
Por obra e graça cá de Magalhães!
Se da peita sofrerdes dura mozza
Ide à bruxa botar um exorcismo
E faça a mulherzinha quanto possa
Sempre por mor de e pró socialismo...

Mas da derrama o suco não bastou
E foi no orçamento fraco esguicho:
Assim a edilidade nos brindou
Com a novíssima Taxa do Lixo...
Sabendo-te em pagar um tanto esquivo
Indiferente mesmo à tua mágoa
Nem da taxa te quis passar recibo
E misturou o lixo à tua água!

Mas a coisa não fica por aqui!
Há muito mais aí p'ra "derramar"
Pois corte nas despesas eu não vi
E o dinheiro... foi feito pr'a gastar!
Quando uns rafam, os outros fazem rifas
Se uns recebem, os outros vão pagar...
Contas mal feitas? Subam as tarifas!
Nós estamos aqui a "governar"...

A culpa é toda, toda do Passado
Pois tudo isto andava muito mal
E para ser o mal remediado
Importa ter poder, Poder Local!
As peitas muitas são, as obras parcas
E tudo aí por falta de receitas...
Os críticos d'outrora, agora autarcas
Instalam mealheiros, cobram peitas!

Se a coisa por fim lhes corre mal
E o pagante desata a reclamar
Reforça-se da Câmara o portal
E nem de papeleta pode entrar...
O douto edil está sempre ocupado...
Não tem marcada ainda audiência?
Vá reclamar então a outro lado
Que já estou perdendo a paciência...

Depois, nas eleições, falinhas mansas
Agora sim, agora é que vai ser:
Escolas, hospitais, boas pitanças
Mais segurança, reformas a valer!
Após as eleições... agora nós
Ganhámos tudo, somos a maioria
E lixar por lixar, lixai-vos vós
Pagai o lixo, a taxa, a mais valia!

De resto da Cidade, vós sabeis
Bem tanto ou mais daquilo que diria:
Prometido o progresso... pagareis
Ninguém vos disse que eu o pagaria!
Até vem a calhar: é bom sinal
Que a Polícia não mande mais agentes...
Teremos nós por cá Municipal
Uns barretes novinhos e diferentes!

E vós, donas de casa, que martírio
ir ao mercado em tempo inclemente:
Foi obra de engenheiro em delírio
Aquele charco enorme e permanente!
Por entre lavradores e regatões
Se atropela toda aquela gente
Em risco sério de bons trambolhões
Exceptuando Edis e Presidente...

Na aldeia mais remota há um mercado
Onde tudo se vende em boa conta:
Um piso de cimento bem lavado
Um abrigo total de ponta a ponta...
Mas Guimarães ali tem provado
De ter em seu governo camaristas
Que apenas aparecem no coitado
Para vender nas eleições as listas!

Por respeito de Afonso mais não digo
Das mazelas que vão cá na Cidade:
Alanca tu daí e vem comigo
A ver o mundo antes que seja tarde...

Se de tachos topares um liberto
Agarra-o firme e assim bem agarrado
Atira-o no lixeira pois decerto
Se fundo tem há muito vai furado...
Que tacho livre é coisa raro vista
Nenhum se topa aí ao abandono:
E nem o mais antigo e mais fascista
Tacho deixou de ser ou de ter dono!

Assim te aviso eu se por Lisboa
Pretendes dar a volta corriqueira:
Há na cidade grande coisa boa...
Principalmente muita buraqueira!
Mero desfazamento de programas
As obras por fazer... ainda vão
Mas alfacinha meu, tu que o grames
As obras feitas, essas, onde são?

Uma topei, p'ras bandas de Belém
Que por sinal até fiquei varado
Tanta a Cultura que por dentro tem
Tal mastodonte de cimento armado!
Do Antigo Mosteiro não invejo
A vizinhança parda, agigantada:
O fradinho que outrora olhava o Tejo
Ficou ceguinho! Agora não vê nada...
(Mas que grande.....!)

— Não passes em S. Bento, dá azar! —
Foi isto que eu ouvi a Deputado
Que quatro anos depois de lá entrar
Saiu sem o discurso ter botado!
— Depois do meu dever ali cumprido
E quando ao mutismo habituado
Mandaram-me umas guias ao partido
E fui como tarifa despachado...

De Soares e Cavaco a guerra fria
Temeu o povo todo o forte risco!
Andava um a ver se outro a fazia
E cada qual por si a seu petisco:
De cerejas um gosta, outro bananas
Um de filé mignon, outro fromage!
Se um dizia nada, o outro o tanas...
E os jornais... todos na reportage!

E foram sempre assim os jornalistas
Por todos assacados de aldrabões
Sempre que das maroscas dão as pistas
Que levam direitinho aos figurões:
Bem pago apenas é o elogio
A loa, o sabonete, a graxa pura!
Se um crítica leva um arrepio
E cai no desemprego da Censura...

De resto tudo bem, tudo legal:
Da droga continua o negro tráfico
E até para falar em Portugal
Se fez um novo Acordo Ortográfico!
Falar em brasileiro é o requinte
Da nova "high class" economista:
Só de novelas temos mais de vinte
E tudo que é estrangeiro nos conquista!

Senhores da Têvê: a droga abunda:
E o povo não precisa ser drogado
Com mais telenovela, droga imunda
Em que o fazes ser um viciado!
Vai tempo de fazer algo por cá
Deixar de o ganhar na brincadeira:
— Ó filhos de Porcina e de Sassá
Deixai pelo Brasil a brasileira!

Falai do nosso povo, a nossa gente
Do seu labor, da sua luta bela
Tão rude, tão discreta, tão valente
Fazei diário o gabo, falai dela:
Filmai o operário, o pescador
Das nossas Tradições fazei novela...
Mas se não sabem façam o favor
De largar esse tacho, essa gamela!

Vai tudo na legal, tudo na boa
No nosso tão pequeno Portugal:
Muda-se a CEE para Lisboa
E seremos da Europa a capital!
Os preços já chegaram bem à frente
E tudo o mais a passo acelerado:
Só se esqueceram de trazer à gente
Lá da tal CEE o ordenado...

Tudo moderno assim, do mais taful
Se veste do País a economia:
Já temos um correio todo azul
Para nos ser entregue sine die...
Temos a Banca já privatizada...
Temos a EDP a facturar...
Temos a inflação acelerada...
Temos a Bolsa aí a funcionar...

Só de televisão são dez canais
Não contando a antena parabólica!
E sendo assim, ainda vós queixais
De ao menos um não ser para a Católica?
Parai no lamúrio, ó cambada
Deixai a economia trabalhar
E vereis que ninguém vos dará nada:
Vai metido na conta! É p'ra pagar!

Não venhas com porrinhas, lavrador
Que ainda tens terrinha p'ra lavrar:
A terra pede arado e mais suor
E se sabes da poda... vai podar!
Tu dizes vender tudo a pataco
Mas em notas de mil te paga o Zé:
Lagostins e cerejas a Cavaco
Não te ajudam a entrar na CEE!

Os nabos, as cebolas e as batatas
Não param de subir por todo o lado:
O bacalhau, o peixe, o leite, as natas
São luxo derradeiro e importado...
A fruta, o cereais, o peixe à posta
A carne e o feijão, é tudo caro:
Já se vende ao preço da lagosta
O carapau do gato e o chicharro!

De severas medidas se faz lista
Na promessa de cobro à inflação
E segundo o douto economista
O povo português é comilão...
Mas desconfio eu que nesta dança
Que apenas o povo tem bailado
Anda presente a garra da finança
Que mete a unha aí por todo o lado!

Vai tudo na legal! Fica tu certo
Que vamos dominar a inflação:
Impostos a valer e juro certo...
Jamais verás dinheiro em tua mão!
E tesinho da costa o que gastar?
Que comprarás sem ter a guita à vista?
Aí a inflação há-de parar...
Não te armes em "doitor inconomista"...

Já tivemos do Golfo a guerra feita
Houve na areia grande cowboyada:
O pobre do Sadam não se endireita
Ficou-lhe a coisa murcha, pendurada!
Depois a Rússia, que ficou de fora
À espera da maré justa de entrar
Topou ser esta mesmo a melhor hora
De dar à Perestroyka o seu lugar...

Depois de em berlim cair o Muro
E a Alemanha ser unificada
O Gorby decidiu ser mais seguro
Jogar o seu regime na privada...
Os velhos apoiantes de Estaline
Bem quiseram armar a confusão
mas toparam na frente Yeltzin
que melhor se chamara Yeltzon!

Foi a Estónia, a Letónia, foi Arménia
A levantar a grimpa, a dar o berro!
Até o criminoso da Roménia
Levou chumbo na tola, levou ferro...
Ruíram as estátuas de Lenine...
E foi o povo russo, a Rússia inteira
A exigir mudança de regime
A exigir mudança de bandeira!

A China teve lá o Tienamen
(Nicolinos chineses, gente fina)
E vai cansada de dizer amene
E ter de farda azul a dura sina...
Para ajudar, nós damos-lhe Macau
Que da fruta perdeu a melancia
mas leva um aeroporto nada mau
E que ninguém por certo lá faria...

Nós mostramos ao Mundo, a toda a gente
Que não somos aquilo que se pensa:
Descobrimos o mundo incipiente
É deixarmos por lá a obra imensa
Vede aí Guiné e vede Angola
A descobrir por entre aflições
Que o Portugal que foi a sua escola
É ainda a maior entre as Nações...

Se estamos a mais, dá-mos à sola
Não andamos o mundo a explorar:
Usamos o martelo e a sachola
Não sabemos pedir mas trabalhar!
Nas fomas os maiores nas Descobertas!
Nós fomos o farol da Renascença!
POdemos hoje ter horas incertas...
Mas não somos aquilo que se pensa!

Por isso, ó Emigrante, ó Povo amado
Orgulho nosso: é grande nossa História
E a Lusa diáspora canta o Fado
E não conta derrota mas Vitória:
De Viriato herdamos o cajado...
De Deu-la-Deu o jeito, a velha manha...
De tudo o que fizemos no Passado
Nos sobra orgulho para dar a Espanha!



OITO SÉCVLOS - LIVRARIA - PAPELARIA

Uma tradição em Guimarães

**RUA DA RAÍNHA
GUIMARÃES**

GRÁFICA VIMARANENSE - 3.000 EX. - 12/91

É tempo de volta à nossa terra
Que por Muma de antanho foi honrada.
É tempo de deixar o mundo em guerra
E vir a esta paz abençoada!
A ver nossas donzelas, nossas damas
Naquele eterno fogo, aquele aquilo
Solto dos olhos seus, ardendo em chamas
Que chamuscou até nosso Camilo!

Não fosse eu cavaleiro e minha a Glória
Eu vos faria aqui encómios tais
Que até de Romeu, perdida a História
Não se falava nunca, nunca mais:
Se perdido duns olhos eu não fora
E da cupida seta libertado
Pudesse livre ser uma só hora
Aqui me quedaria enamorado!

Mais Glória me fica de certeza
Se de Heros afoito e inspirado
De mulheres disser que a Portuguesa
É a princesa mor do principado!
Porém se faz mister não perca o uso
De nos fazer perder a tramontana
De nos fazer entrar em parafuso!
Oh! Mulher! Portuguesa duma cana!...

Pois seja, funcionária, caixeirinha
Professora, operária, costureira
Vai tudo bem desde que seja minha
A graça de a ver mui altaneira
Naquele passo leve, piso lesto
Ao vento esvoaçante a cabeleira
E coleante o seio e tudo o resto
A provocar da malta a ciumeira...

Por isso Nicolinos, nossa lança
A garotas assim, tão queridinhas
Ergamos amanhã e sem tardança
Recebam por amor as Maçazinhas!
E elas, entre as prendas mais queridas
Havendo uma parança no Cortejo
E as mamãs adrede distraídas
Nos pendurem de prenda um terno beijo

Porém vos pedirei que a mini-saia
Useis com parcimónia e mais decoro
Pois pode acontecer que ela caia
E nada reste ao fim para o namoro...
Pois ele desconfia e até parece
Ver em Eros agora um deus esquivo
Pois nem sequer aceita do PS
o voto certo no preservativo!

Parai da tentação o rude assédio
Em que cansais o chefe e o patrão
Senão vai-se o Amor e o remédio
Será o desemprego e a solidão:
Não sendo o vosso chefe americano
Não adianta levá-lo a tribunal
Pois dirá ao juiz que foi engano
E que "é diferente o amor em Portugal"!

Do Vitória, cautela! É o maior!
A obra corre ali sem mais empenos:
Por obra de Pimenta — "O Trocador" —
Se trocou a promessa por terrenos...
Mas que lance perfeito, que jogada
Que domínio no posso, mando e quero!
Em dois passes e mais três avançadas...
Perdeu a edilidade... seis a zero!

Tem a bola nos pés o secretário
O presidente passa ao tesoureiro...
Joga à defesa o grupo camarário
E perde no terreno e no dinheiro...
Assim é que é jogar, Vitorianos!
Marcar golos assim à maioria
É avançar no tempo cinco anos
E receber a guita num só dia...

Dos Braganças o Paço vai azado
A ser, mais que Museu, uma Pousada
Onde o turista dirma descansado
E, a duquesa repouse regalada!
Era tempo de alguém cá na Cidade
— Que foi outrora o Berço da Nação —
Reconhecer por fim esta verdade:
Pouco vale a Cultura sem colchão!

Tempo é de avançar e ser reguila
Pois a História real em nada perde
Se um Palácio dos Duques se mobila
E um Museu promove o Vinho Verde:
Alvo linho em toalha sobre a mesa
De petiscos minhotos a fartura
Provarão ser o cozido à portuguesa
Uma sávida prova de Cultura!

Na rodovia ainda a luz é morta
E por ali se morre como dantes:
Não é decerto aquela via torta
Culpa de nicolinos estudantes...
Obra será por certo de engenheiros
Formados por Lisboa, noutra escola
Uns tipos bestiais, gajos porreiros
A pedir cacetada pela tola!

Ziribum! Ziribum! Palavras ditas
Aí fazei enfrene a barulheira:
Alçai as maçanetas expeditas
E zurzi essas peles à maneira!
Que acorde no Olimpo o Zeus dormente
O Plutão do fogo atice a chama
E os deuses dorminhocos num repente
Sejam todos de pé, saltem da cama...

Nesta guerra de Paz somos de novo
E do Olimpo a malta, acagaçada
Saiba que Nicolau e o seu Povo
A Guerra da Alegria tem ganhada:
Tremam em Nova York as estrelinhas
E as foices e martelos da moscóvia
E aprendam conosco as pancadinhas
Desta Festa de Paz e de Concórdia!

Pois vai de Nicolau a Festa feita
Da Tradição o mando respeitado
E cá por Guimarães ninguém se deita
Ninguém se quer por cá ora deitado:
A maçaneta em riste, bem alçada
Recolha tanta força em vossa mão
Que as caixas assemelhem trovoadas
E os bombos lhe respondam num trovão!

A. MEIRELES GRAÇA, fecit
Novembro/91

NOTA:

No ano da Graça de 1991, a Academia Vimaranesense comemorou dignamente:

— Os 300 anos da restauração das Tradições Nicolinas.

— Os 100 anos do estabelecimento do Liceu de Guimarães.

— Os 30 anos da fundação da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.

(Per Memoriam)